

# *Alice no País das Maravilhas* e a identidade na contemporaneidade

## *Alice in Wonderland* and the identity in contemporaneity

**Daniele Ribeiro Fortuna**

Jornalista (UFRJ), mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada (UERJ). É docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas (Unigranrio)

**Vanda Viana Gomes**

Jornalista (UGF) e mestre em Letras e Ciências Humanas (Unigranrio)

### **Resumo**

Os objetivos principais do presente trabalho são discutir a contribuição do filme da Disney *Alice no País das Maravilhas* para o entendimento do conflito de identidade vivido na contemporaneidade e a influência dos contos de fadas e obras afins neste processo, servindo como recursos para a construção identitária dos indivíduos. O trabalho tem como proposta metodológica a análise temática e comparativa dos livros de Lewis Carroll – *Alice no País das Maravilhas* (1866) e *Através do Espelho e o que Alice encontrou lá* (1872) – em conjunto com a versão em filme das duas obras condensadas, lançada em abril de 2010, escrita e dirigida por Tim Burton. Neste trabalho, buscou-se enfatizar as questões identitárias e relativas à cultura contemporânea.

**Palavras-chave:** *Alice no País das Maravilhas*; cultura do consumo; identidade; contemporaneidade.

### **Abstract**

*The main objective of this paper is to discuss the contribution of the Disney movie "Alice in Wonderland" to the understanding of identity conflict experienced in contemporary and influence of the fairy tale and works like this process by serving as resources for identity construction of individuals. The work is a methodological proposal and comparative thematic analysis of the books of Lewis Carroll – "Alice's Adventure in Wonderland" (1866) and "Through the Looking-Glass and What Alice Found There" (1872) – in conjunction with the film version of two works condensed, launched in April 2010, written and directed by Tim Burton. This paper emphasizes issues relating to identity and contemporary culture.*

**Keywords:** *Alice in Wonderland*; consumer culture; identity; contemporary.

## INTRODUÇÃO

A chegada da Modernidade tem como principal mudança o deslocamento do eixo que alicerça a identidade, da tradição para a cultura do consumo. Situado entre a segunda metade do século XVIII e o começo do século XIX, o início da Modernidade se deu com as Revoluções Industrial e Francesa e com o surgimento do capitalismo como forma de produção dominante, tendo a Inglaterra como maior potência colonizadora e mercantil, desde a segunda metade do século XVIII até final do século XIX, época conhecida como a Era Vitoriana (SLATER, 2002). Foi nesse contexto histórico, social e político vitoriano, que foram lançados os livros *Alice no País das Maravilhas* (1866) e *Através do espelho e o que Alice encontrou lá* (1872), ambos de Lewis Carroll.

No século XX, os livros *Alice no País das Maravilhas* e *Através do espelho e o que Alice encontrou lá* serviram de base para vários filmes. Entre eles, o mais famoso é o produzido em 1951 pela Disney (ALICE, 1951), que lançou nova versão da história em abril de 2010. Sob a direção de Tim Burton (ALICE, 2010), o filme mais recente traz um recorte na história contida nos livros de Carroll, priorizando a análise do poema Algaravia (de acordo com a edição dos livros). No filme, Alice tem a possibilidade de escolha entre o comportamento tradicional de uma jovem de 20 anos no início da Era Vitoriana – que era o de consolidar a identidade através do casamento com um nobre – e a atitude que estaria mais de acordo com as mudanças culturais que estavam em efervescência na época – a proposta de consolidar a identidade através do trabalho e do poder de consumo (ALICE, 2010).

## RESSIGNIFICANDO OS CONTOS DE LEWIS CARROLL

Nos livros *Alice no País das Maravilhas* e *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*, Lewis Carroll apresenta a personagem Alice interagindo com personagens de poemas infantis da cultura inglesa, sob a metáfora do sonho, discutindo questões filosóficas e sociais da modernidade. Na versão de 2010, Alice está prestes a completar 20 anos, e o diretor Tim Burton reúne elementos dos dois livros, utilizando como maior referência para discutir identidade e relações sociais, na cultura inglesa e demais países hegemônicos na modernidade, o poema Algaravia, presente na obra *Através do Espelho e o que Alice encontrou lá* (CARROLL, 1865, 1872; ALICE, 2010).

A alusão ao contexto vitoriano é um ponto comum entre as obras de Carroll e de Burton. No livro *Alice no País das Maravilhas*, a discussão aparece com a presença da Rainha de Copas, que detém o poder de forma absoluta e emprega a decapitação como punição recorrente (CARROLL, 1866); já em *Através do espelho e o que Alice encontrou lá* as rainhas Branca e Vermelha convivem pacificamente e ajudam Alice a se tornar uma monarca (CARROLL, 1872). No filme de Burton, predomina a convivência hostil entre as duas líderes de Estado, que lutam pela coroa, sendo Alice a heroína que vai ajudar a restabelecer a predominância do bem sobre o mal no reino.

Tendo aplicado golpe de Estado através do roubo de uma espada mágica e do uso de um monstro para impor medo aos súditos, a Rainha Vermelha toma a coroa da Rainha Branca, sua irmã mais nova. Alice, a única que pode empunhar a espada e matar o monstro, liberta o povo do País das Maravilhas (ou mundo subterrâneo, nome dado ao lugar no filme e na primeira versão da obra escrita de Carroll) da subjugação da Rainha Vermelha. Ao sair da toca do coelho e voltar ao mundo da superfície, Alice se desobriga de um casamento arranjado e assume um emprego na antiga empresa do pai (ALICE, 2010).

O filme traz inovação importante sobre o sonho em relação ao livro de 1866, com uma possível resposta à pergunta filosófica que Carroll deixa nas entrelinhas da obra escrita: seria real ou apenas um sonho a viagem de Alice ao País das Maravilhas? No livro, Carroll deixa ao leitor a impressão de que Alice estava dormindo, mas não especifica exatamente se o País das Maravilhas seria parte do sonho. Já Burton sugere na sua versão da história que Alice realmente esteve no mundo subterrâneo e para ratificar isso apresenta uma protagonista já adulta retornando ao local e constatando que o que ela pensava ser um sonho eram lembranças de uma viagem feita na infância (ALICE, 2010).

Burton apresenta uma possível interpretação para a metáfora do sonho de Alice. A questão das funções de percepção e sensação humanas sob o estado de vigília ou sono foi estudado também por René Descartes, Sigmund Freud, Carl Jung e Jean Baudrillard. Em sua primeira meditação, Descartes discute a eficácia dos sentidos para a apreensão do mundo, sobretudo das coisas materiais. Para atestar a impossibilidade de afirmar com toda a certeza que até coisas materiais são verdadeiras, Descartes afirma que:

Pelo mesmo motivo, mesmo que essas coisas gerais, isto é, olhos, cabeça, mãos e outras análogas, possam ser imaginárias, é necessário confessar que existem outras bem mais simples e universais, que são verdadeiras e existentes, de cuja mistura, nem mais nem menos do que da mistura de algumas cores verdadeiras, são formadas todas essas imagens das coisas que se situam em nosso pensamento, quer verdadeiras e reais, quer fictícias e fantásticas. Desse gênero de coisas é a natureza corpórea em geral, e sua extensão; juntamente com a figura das coisas extensas, são quantidade, ou grandeza, e seu número; como também o lugar que se encontram, o tempo que mede sua duração e outras coisas análogas (DESCARTES, 1999, p. 169).

Freud (apud ESTEVAM, 1973) afirma que o sono é quando se liberta o inconsciente, sendo a realização do que a mente consciente deseja. Já Jung (apud HALL, 1983) considera que o inconsciente está dividido em individual e coletivo e que a parte coletiva desta instância da mente é mesmo real, pois funciona como fundamento para as tradições e cultura humanas. Jung quantifica a psique humana em duas principais partes: consciente e inconsciente, que por sua vez se subdividem em quatro: a consciência pessoal e a consciência coletiva (mundo cultural dos valores e formas compartilhadas) e o inconsciente coletivo, ou psique objetiva (que seria uma estrutura universal da humanidade).

Dentro dessas divisões básicas, existem estruturas gerais e especializadas: as primeiras são imagens arquetípicas e complexas. Já as especiais, tanto do consciente quanto do inconsciente, são quatro: ego, persona, a sombra e a sizígia (constituída pelo par animus e anima). A psique objetiva é o lugar dos arquétipos e imagens arquetípicas, no qual existe um principal: o Si mesmo, o arquétipo central da ordem. Os complexos são agrupamento de imagens que se conservam agrupados por um tom emocional comum. Esses complexos podem ser notados a partir da regularidade de associações de palavras, quando na observação dos discursos um tema é recorrente.

As imagens arquetípicas são o conteúdo do inconsciente coletivo. Arquétipo é uma tendência para estruturar as imagens da experiência dos indivíduos de certa forma, mas não é a própria imagem. Para James Hall (1983), as imagens arquetípicas que perduram durante muito tempo para um grande número de pessoas tendem a se inserir culturalmente no consciente coletivo.

Associando conceitos presentes em Descartes, Jung e Freud, é possível traçar um paralelo com a interpretação de Burton para o País das Maravilhas de Alice, como um mundo real no sentido de ser uma representação metafórica do inconsciente coletivo. Essa interpretação da obra de Carroll é usada no filme *Matrix* (1999), quando a personagem Morpheus, interpretado por Lawrence Fishburne, pergunta a Neo, personagem de Keanu Reeves: “Já teve um sonho que parecia ser real? E se não conseguisse acordar dele, como saberia se está sonhando ou está acordado?”

Morpheus cita Descartes associando a metáfora do sonho de *Alice no País das Maravilhas* por mais de uma vez a Neo, quando explica que o mundo que ele conhece é apenas uma projeção de sua mente, já que seu corpo está preso a uma máquina e suas energias vital e mental estão servindo de combustível para alimentar a inteligência, que se tornou a verdadeira comandante da Terra, no lugar da mente humana. “Você está se sentindo como Alice na toca do coelho. É um homem que age como age, porque pensa estar sonhando. [...] Se escolher tomar a pílula azul, você fica no País das Maravilhas e te mostro o que tem no fundo da toca”, afirma a personagem de Morpheus. (DESCARTES 1999; HALL, 1983; MATRIX, 1999).

#### CONTEXTUALIZANDO OS LIVROS DE CARROLL E O FILME DA DISNEY

O contexto histórico e social da Inglaterra no século XIX, na ocasião do lançamento dos livros *Alice no País das Maravilhas* e *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*, é marcado pelo conflito entre forças revolucionárias e conservadoras. Tal processo é resultado da Revolução Industrial e da Revolução Francesa (segunda metade do século XVIII), que levou ao surgimento da burguesia, por um lado, e à restauração e à expansão do Império Britânico na Era Vitoriana, por outro. Do confronto dessas duas correntes políticas, sociais e econômicas nasce a Modernidade, que para alguns estudiosos data de 1789,

após a principal batalha da Revolução Francesa (Queda da Bastilha), quando vários impérios são desfeitos e muitos países da Europa são obrigados a criar parlamentos para garantir a representatividade das camadas populares no poder. Ao mesmo tempo que se preparava a Revolução Francesa, na Inglaterra germinaria a Revolução Industrial com a criação da máquina a vapor, transformando os trabalhadores ingleses autônomos da tecelagem (principal atividade econômica da Inglaterra) em assalariados. É o nascimento da classe dos proletários, de um lado, e da classe dos industriais ou burgueses, de outro.

Outra marca importante desse momento diz respeito à questão da identidade. Se na Contemporaneidade a identidade torna-se flexível e mutável, nesse momento esta se baseia no que Hall (2006, p. 11) denomina de “sujeito sociológico”. Segundo tal concepção, a identidade do sujeito passa a se formar a partir da relação dele com “outras pessoas importantes para ela, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2006, p. 11). Nesse sentido, a noção de identidade baseava-se na interação entre o indivíduo e a sociedade. Por isso, a visão do indivíduo a partir da sociedade contava muito para sua formação. A educação recebida pelos pais e a opinião de outros familiares ou pessoas próximas contribuía para a construção dessa identidade.

88

Já o lançamento do filme *Alice no País das Maravilhas* de Tim Burton, em 2010, está ligado ao contexto da Contemporaneidade e da consolidação da cultura do consumo. São vários os termos utilizados para conceituar o período, que se inicia na segunda metade do século XX e persiste até os dias atuais, sendo marcado por grandes transformações sociais, políticas, econômicas e culturais: pós-modernidade, para Bauman (2007) e Featherstone (1995), modernidade tardia ou alta modernidade para Giddens (2002), ou simplesmente uma etapa de transição da modernidade para a pós-modernidade, segundo Don Slater (2002). Apesar das controvérsias acerca da nomenclatura a ser empregada, o consenso entre os autores é que as mudanças ocorridas por volta das décadas de 1960 e 1970 consolidaram uma nova ordem de mercado, cultura e identidade, baseada no consumo e nas relações sociais fluidas e transitórias.

De acordo com Slater (2002), a cultura do consumo pode ser apontada como um dos fatores que caracteriza a Modernidade, sobretudo no Ocidente, e se fortalece após a segunda metade do século XX, estando ligada às relações de mercado, funcionando como modo de reprodução cultural. No entanto, se a consolidação da cultura do consumo só se constituiu com a Revolução Industrial, as origens das mudanças no consumo, na organização comercial e de mercadorias se iniciaram muitos séculos antes (SLATER, 2002, p. 17-28).

Nesse sentido, é possível afirmar que o filme *Alice no País das Maravilhas* atualiza o conto escrito e retrata o conflito de identidade vivido na contemporaneidade pelo homem, ou a descentralização do sujeito. De acordo com Hall (2006), ainda são provisórias e sujeitas à contestação as teorias sobre o

assunto, e há controvérsias sobre a existência ou não da crise identitária na Contemporaneidade. O autor explica que, para os teóricos que acreditam num colapso da identidade, o argumento se desenvolve assim:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também abalando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2006, p.9).

Hall explica que esse processo de perda de “sentido em si” pode ser chamado de deslocamento do sujeito. Assim, se a identidade no século XIX ligava “o sujeito à estrutura” (HALL, 2006, p. 12), estabilizando “tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam” e “tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”, agora, tal identidade “plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13). Sobre o mesmo tema, Slater (2002) afirma que as mudanças ocorridas após a década de 1970, como o advento do capitalismo flexível e a aceleração do fluxo de informações, foram acompanhadas de uma intensificação na fragmentação da identidade, que, baseada na cultura do consumo, deixou de ter como eixo a tradição, para girar em torno do poder de compra.

89

#### **DISTINGUINDO O SONHO, O MITO E OS CONTOS DE FADAS NA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NA CONTEMPORANEIDADE**

Os contos de fadas influenciam diretamente na formação da identidade, tendo papel primordial o fornecimento de significado e a resolução de conflitos psicológicos da infância até a vida adulta. Fornecendo resoluções camufladas e utilizando arquétipos (modelos universais), os contos de fadas, diferentemente do mito, têm sempre um final positivo, representando por linguagens de símbolos os conteúdos inconscientes (BETTELHEIM, 1980). Criados na Antiguidade, Idade Média ou início da Modernidade, os contos de fadas se adaptam à Contemporaneidade, já que os conteúdos são universais e dizem respeito aos grandes conflitos da psique humana, sobretudo no nível das imagens arquetípicas que alicerçam as principais experiências culturais humanas (nascimento, morte, união sexual, casamento, conflitos entre forças antagônicas), e têm evolução bastante lenta, se comparados ao tempo histórico.

Bruno Bettelheim (1980) destaca que a importância dos mitos e contos de fadas é reconhecida por psicólogos e filósofos desde Platão, que recomendou aos cidadãos da república ideal que se instruissem com a narração de mitos. Mircea Eliade (apud BETTELHEIM, 1980) afirma que os mitos e os contos de fadas dão expressão simbólica a ritos de passagem, representando a morte simbólica de um antigo “eu” para o renascimento de uma nova identidade.

Outra abordagem acerca dos contos de fadas a associa aos sonhos, afirmando que o principal atrativo destas obras é expressar o reprimido na mente racional – realização de desejos infantis e adultos. Bettelheim observa, no entanto, que os contos de fadas são diferentes dos sonhos, pois nestes a realização dos desejos é disfarçada, enquanto nos contos de fadas ela é mostrada abertamente. Outra diferença observada por Bettelheim é que os sonhos não podem ser controlados, enquanto os contos de fadas resultam do conteúdo consciente e inconsciente, moldado pelo consciente, não de uma pessoa em especial, mas do consenso de uma sociedade a respeito do que consideram questões universais, e o que consideram como soluções desejáveis (BETTELHEIM, 1980). Essa característica dos contos de fadas explica a sobrevivência das estórias que eram transmitidas de geração a geração de forma oral e atualmente são recodificadas através dos meios de comunicação audiovisuais.

Os contos de fadas, com o intuito de promover a autonomia infantil, usam de arquétipos (figuras universais) para convencer as crianças e os adultos a buscar soluções para seus conflitos. De acordo com Jung, os arquétipos – sendo o conteúdo do inconsciente coletivo que serve como alicerce para formação da consciência pessoal – têm a prova de seu caráter real (tão real quanto os objetos materiais) na sua transmutação em consciente coletivo – cultura, rituais, valores instituídos. Como são de mudança lenta, os arquétipos têm certa perenidade em relação ao contexto histórico, mantendo-se praticamente fixos em relação ao tempo histórico (HALL, 1983; BETHELLEIM, 1980).

Entretanto, numa sociedade líquido-moderna, em que “as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que o necessário para sua consolidação em hábitos e rotinas” (BAUMAN, 2007), como continuar a transmitir a segurança e a autonomia para as mentes infantis, já que as ações não se transformam em rotinas? Portanto, em tradições, isso poderia significar que os arquétipos estariam mudando? É possível que o filme *Alice no País das Maravilhas* (ALICE, 2010) seja um exemplo de adaptação e acomodação de arquétipos à cultura de consumo atual.

#### **ALICE E IDENTIDADE NO SÉCULO XXI: A ATUALIZAÇÃO E A ATUALIDADE DOS CONTOS DE FADAS**

Discutindo as tradições do século XIX, o filme *Alice no País das Maravilhas* usa recursos oriundos de arquétipos universais e milenares, como o rei e a rainha, mas discute tradições impostas às mulheres, como as vestimentas e o casamento arranjado, oferecendo como opção à cultura aristocrática a ascensão pela acumulação de renda e poder de consumo. O conflito de identidade, frente à mudança no status da Idade Média para Modernidade é evidente em Alice. Ela procura se acomodar à nova realidade, já que não pode mais seguir às regras pré-estabelecidas. Bauman aborda esse conflito de identidade na Modernidade através da relação entre indivíduo e sociedade,

na qual todas as regras mudam antes de se tornarem tradição. Para Bauman, a individualidade como tarefa é “o produto final de uma transformação societária disfarçada de descoberta pessoal” (2007).

Entre a rápida sucessão de fichas simbólicas de identidade comumente usadas e a endêmica instabilidade das escolhas que recomendam, a busca da individualidade significa uma luta para toda a vida. Somos todos Alices, às quais Lewis Carroll advertiu que “ora aqui, você vê, é preciso toda a velocidade de que você é capaz para ficar no mesmo lugar. Se quiser ir a outro lugar qualquer, terá que correr duas vezes mais rápido!” (BAUMAN, 2007, p. 35)

A velocidade da mudança dos padrões societários e a fragmentação da identidade são mostradas no filme quando Alice fala com a lagarta e com os colegas, que duvidam de que ela seja a mesma Alice que visitou o País das Maravilhas quando pequena. Alice responde a essa questão associando suas referências identitárias de família (filiação, local de nascimento, sexo e moradia) aos seus objetivos reais e individuais (escolha da idade e da pessoa para o casamento e decisão pela profissão).

Ao optar por investir na profissão em detrimento do casamento com um nobre, a questão da identidade é atualizada. Alice, como “sujeito sociológico”, oriunda de um contexto específico do final do século XIX, deveria se casar para manter sua identidade, visto que esta se concretiza a partir da relação com os outros, principalmente com a família e o círculo social próximo. Entretanto, ao resolver trabalhar, o que lhe possibilitaria ser independente e responsável por suas decisões de consumo, sua identidade é atualizada de acordo com os padrões da contemporaneidade.

O filme *Alice no País das Maravilhas* traz, dessa forma, uma discussão do padrão de identidade na transição ocorrida no período anterior e posterior à segunda metade do século XX, tendo como principal instrumento a cultura de consumo. Utilizando elementos de contos de fadas, pode-se dizer que o filme é uma atualização do livro, que está baseado em arquétipos universais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *Alice no País das Maravilhas*, com direção de Tim Burton, traz uma ressignificação para a personagem, reunindo elementos dos dois livros – *Alice no País das Maravilhas* e *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Diferentemente do ocorrido nos livros de Carroll, que discute, com apoio em vários poemas infantis, o contexto de realidade e os conflitos de identidade na Contemporaneidade, o filme de Burton se concentra na análise do poema Algaravia, retratado no livro. Ao demonstrar uma Alice adulta para matar o dragão, Burton tem a clara intenção de ressaltar os ingredientes inovadores da personagem Alice, que já tem a capacidade de romper com as regras de conduta que lhe parecem sem sentido.

A Alice desta nova versão não sonha e fica na dúvida se suas descobertas foram ou podem se tornar reais, como é sugerido nos livros. Ela constata, no entanto,



que é real tudo aquilo que experimentou no País das Maravilhas e que as mudanças podem ser feitas na sua vida cotidiana. O sonho de uma vida sem limites (e sem identidade fixa) é possível no mundo contemporâneo. O que fora mostrado nos livros através da metáfora do sonho, que representava o mundo interno, o inconsciente individual e coletivo, pode agora virar realidade para a personagem.

*Alice no País das Maravilhas* continua sendo referência para vários teóricos da Contemporaneidade, e a versão lançada em 2010 intensifica e destaca os indícios de mudanças ocorridas, contidas em germen nos livros de Carroll. Tanto os livros quanto o filme retratam as crises de identidade típicas ao indivíduo contemporâneo, que vacila entre a individualização e a coletividade.

O filme contribui para a análise da Contemporaneidade, desconstruindo a visão das regras sociais dadas, em detrimento do processo de construção e da dominação ideológica exercida através da cultura de consumo, que começou se formar no século XVIII e persiste até os dias atuais (SLATER, 2002). Apresentando temas como tempo, poder, gênero, identidade, liquidez da vida moderna, tradição, cultura do consumo e virtualização da realidade, o filme de Burton retira dos livros os indícios de questionamento e os amplia, fornecendo-lhes imagens, dando luz aos conflitos muitas vezes ocultos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALICE no País das Maravilhas. Produção de Tim Burton. EUA: Walt Disney Pictures, 2010.
- ALICE no País das Maravilhas. Produção de Walt Disney. EUA: Edição Especial Walt Disney Clássicos, 1951.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise do conto de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. São Paulo: Martin Claret, 2007. Título original em inglês: *Alice's Adventures in Wonderland* (1866).
- CARROLL, Lewis. *Alice no País dos Espelhos*. São Paulo: Martin Claret, 2008. Título original em inglês: *Through the Looking-Glass and What Alice Found There* (1872).
- DESCARTES, René. *Meditações*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999
- ESTEVAM, Carlos. *Freud, vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1973.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HALL, James A. *Jung e a interpretação dos sonhos: manual de teoria e prática*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- SLATER, Don. *Cultura do consumo e modernidade*. São Paulo: Nobel, 2002.
- THE Matrix. Produção de The Wachowski Brother. EUA: Warner Bross, 1999.